



“HOJE SOU EU, AMANHÃ SÃO VOCÊS”, EFEITO ORLOFF

Cristiane Renata da Silva Cavalcanti¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensando a memória na perspectiva em que ela se materializa no discurso e também nos reporta a um possível discurso fundador, refletimos sobre as produções de sentido a partir das relações de paráfrase. Do mesmo modo, o entrelaçamento entre paráfrase, sentidos e memória nos mostrará que, a partir das análises do “mesmo”, os sentidos se movem e ressignificam. Nosso trabalho abordará como se desliza o movimento parafrástico e se revela através do discurso “Eu sou você amanhã”.

O nosso objetivo será o de analisar como os efeitos de sentido dos discursos se dão a partir da relação entre suas condições de produção (historicidade) e a memória discursiva que, enquanto elementos constitutivos, atravessam o discurso em seu nível de formulação, bem como em sua constituição. Como se constituem os discursos “Hoje sou eu, amanhã são vocês” discurso do *ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha* (PMDB) e Macri para Temer: “eu sou você amanhã”.

“Hoje na Argentina, amanhã no Brasil” referente ao efeito que passou a ser aplicado neste acontecimento geopolítico: eleito governo de esquerda na Argentina, eleito governo de esquerda no Brasil. Eleita presidenta na Argentina, eleita presidenta no Brasil. Macri é eleito presidente da Argentina e põe fim a 12 anos de kirchnerismo, destituído governo de esquerda no Brasil. Como, de certa maneira, tais discursos, e seus funcionamentos, reportam ao efeito Orloff “Eu sou você amanhã”.

DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nessa perspectiva, utilizaremos como dispositivo teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa (AD), no que se refere aos estudos oriundos sobre a noção de paráfrase, polissemia, memória discursiva, enquanto efeitos de sentido, (PÊCHEUX, 1975, 1998, 2008, 2009 e 2010) e ORLANDI, 1984, 2007, 2008, 2009, 2012), também com mais algumas contribuições sobre Memória discursiva (COURTINE, 1982, 2009).

Poderíamos dizer que a retomada parafrástica se dá pela necessidade de que uma FD tem de “dar corpo”, de reafirmar o seu discurso. Mas essa nova enunciação do “mesmo” já não é a simples repetição, então é preciso considerar que o produto desse processo de formulação parafrástica - a paráfrase - não pode ser reduzido sempre à pura e simples repetição, pois a enunciação possui um caráter de irrepetibilidade.

sob o 'mesmo' da materialidade da palavra abre-se em meio ao jogo da metáfora como outra possibilidade de articulação discursiva. Uma espécie de repetição

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. reyelcris0862@gmail.com.



vertical, em que a memória volta-se sobre si mesma, esburacando-se, perfurando-se antes de se desdobrar em paráfrase. (PÊCHEUX, 2010, p. 65).

A relação entre paráfrase e polissemia, indispensável aos discursos, tal como formulada em Orlandi (1998), é a que permite “a fluidez dos sentidos”, por meio do jogo entre o mesmo e o diferente; da repetição do mesmo, no caso dos processos parafrásticos, e de rupturas, deslocamentos nos processos de significação, no caso dos processos polissêmicos. Nos termos de Orlandi (2001, p. 36): “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, se significam”.

Orlandi também afirma ser “difícil traçar fronteiras bem definidas entre o mesmo e o diferente, quando se pensa a linguagem do ponto de vista do discurso, dado que o funcionamento mesmo da linguagem se fundamenta numa tensão permanente entre tais processos” (idem, 2001, p. 36). Os primeiros seriam “aqueles por meio dos quais em toda enunciação existe sempre algo que se mantém, ou seja, o dizível, a memória”; os segundos seriam responsáveis “pelo deslocamento, pela ruptura de processos de significação”.

Se, de um lado, a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer, se pelo processo parafrástico se produzem formulações diferentes do mesmo dizer sedimentado, estabilizado; de outro os processos polissêmicos “jogam com o equívoco”, produzindo o movimento dos sentidos.

Pela análise de discurso, sabemos que a memória é constitutiva do discurso, e que todo discurso é deslocado. Pêcheux (2010, p. 56) afirma que a memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos”. É nesse espaço que o discurso vai ser construído.

Desse modo, podemos compreender a memória como um conjunto de discursos outros, que sustenta os efeitos de sentido no dizer. Como afirma Courtine (2009):

A memória concerne à existência histórica do enunciado, no seio de práticas discursivas (...), capaz de dar origem a atos novos, no sentido de que toda a produção discursiva acontece numa conjuntura dada e coloca em movimento formulações anteriores já enunciadas.

É, pois, nessa perspectiva que vamos encontrar o discurso, atuando como agente de uma memória discursiva, redizendo dizeres, ressignificando saberes, construindo subjetividades e produzindo efeitos de sentido.

Isto significa que, no discurso, um novo dizer de outros já ditos são trazidos pelo sujeito, com o objetivo de fazer produzir novos sentidos que conduzam ao efeito de sentido esperado na interpretação do discurso.

Deste modo, entendemos que a memória é irrepresentável produzindo um efeito de memória, uma maneira de funcionamento simbólico, acontecimento discursivo. Então, para que haja memória, é preciso que haja acontecimento, uma estruturação da materialidade discursiva complexa. Pêcheux



reconhece que “para que haja memória é preciso que o acontecimento, ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância” (PÊCHEUX 2008, p. 25).

Pêcheux (2008) cita que a memória discursiva compõe “o discurso que não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço” (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Dessa forma, é possível identificar a estreita relação que a memória discursiva mantém com os processos polissêmicos e os processos parafrásticos presente nos discursos. Pêcheux (2010, p.167) cita que “a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase” e que a família parafrástica de um determinado corpus “constitui o que poderia chamar de matriz de sentido”.

ANÁLISE DISCURSIVA

Para analisar o funcionamento dos discursos, assim como a memória discursiva, constituímos o nosso *corpus* de análise das seguintes sequências discursivas: “Hoje sou eu, amanhã são vocês”/ “Eu sou você amanhã”.

Temos nas sequências discursivas (SD) analisadas ideias parafrásticas. É possível afirmar que se trata do mesmo com base no memorável. Porém, percebemos o deslocamento de sentido quando num olhar mais atento, notamos que partindo do possível discurso “fundador” , em referência ao slogan de uma propaganda de Vodka na década de 1980, da propaganda do Orloff “Eu sou você amanhã”, pense em você amanhã, resignificando esse discurso de futuro para outro discurso: o apontamento do *ex-presidente da Câmara* dos Deputados, *Eduardo Cunha* (PMDB) “Hoje sou eu, amanhã são vocês”, num tom de acusação e até mesmo vitimismo quando fez um pedido para que os deputados acolhessem recurso contra a aprovação, pelo Conselho de Ética, da cassação do mandato do peemedebista, sob risco de eles próprios serem prejudicados no futuro.

Assim, ainda que o resgate do discurso do “efeito Orloff”, dito antes, e em outro lugar, contribua para a manutenção dessa memória discursiva. Tal discurso está cristalizado há décadas no meio da propaganda, funcionando como um lugar de memória que faz emergir a memória coletiva pela repetibilidade.

E de certo modo, ao mesmo tempo provoca deslocamentos de sentidos, de maneira a denunciar a ‘semelhança’ do contexto político e econômico da Argentina e Brasil, retomando os fatos e discursos paralelos entre os dois países. Macri para Temer: “eu sou você amanhã” retomando mais uma vez o discurso do antigo comercial de Vodka no qual o ator apresentava-se ao seu próprio “eu” no dia anterior dizendo: “Eu sou você amanhã”, demonstrando assim, metaforicamente, a ausência de efeitos nocivos da bebida Vodka.

Nesse novo contexto, a SD “Eu sou você amanhã” dita por Macri se desloca em novo sentido passando a anunciar o ciclo de medidas econômicas que, empregadas na Argentina, também são aplicadas no Brasil em momentos em que tais medidas já exibiam sinais de falhas/frustração na



economia da Argentina. Assim, a desconstrução do que foi feito na economia do governo anterior, de Cristina Kirchner, é clara nas ações do novo presidente, antes reestatização do sistema previdenciário, colocando fim ao sistema misto; hoje o setor privado está com a maior cobertura dos trabalhadores vinculados à previdência, mostrando que a reforma da era Macri na presidência, buscou privilegiar o sistema privado, com a vinculação compulsória dos trabalhadores que não optaram por nenhum dos dois sistemas e também com a impossibilidade de transição entre o sistema privado e o sistema estatal.

O efeito Orloff se configura neste contexto também no Brasil. Tal efeito reporta a memória, entretanto, ao contrário do que se prevê, a reforma do sistema previdenciário do Brasil também poderá apenas beneficiar empresas privadas. Se na Argentina, a privatização não tornou o sistema previdenciário mais eficiente e inclusivo, provavelmente no Brasil, tal reforma, além de não representar um conforto para as contas públicas, também não será eficiente, pois a crise só existe na imaginação de quem a criou para beneficiar os poucos que detêm e quer controlar a economia do país. Portanto, quando capturamos o discurso do “efeito Orloff”, a memória discursiva resgata tal enunciado retomando-o e ao mesmo tempo deslizando em novos sentidos, inscrevendo-se em outro discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abreviadas considerações trazidas neste arquivo nos permitem observar que, em seu funcionamento, os discursos retomam elementos da memória social, ressignificando-os. Além disso, enquanto discurso, eles reportam à memória discursiva: vimos que há uma retomada constante do que é dito em outro lugar, tanto para apoiar quanto para deslocar sentidos, e que é nessa relação entre repetições e deslocamentos que sentidos outros acontecem.

Dessa forma, o modo de funcionamento do discurso “hoje sou eu, amanhã você”, desliza metaforicamente e circula como já dado, nos colocando a possibilidade de mostrar, na sua discursividade, o jogo polissêmico produzindo movimentos de sentidos. Acreditamos que tais análises podem contribuir para reflexões sobre as noções de memória discursiva e social, e também para o funcionamento discursivo da paráfrase e polissemia.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. Definition d'orientations théoriques et construction de procédures em analyse du discours. *Philosophiques*, v. 9, n.2, oct.1982.

_____. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

MAZZINI, Leandro. Disponível em: <https://colunaesplanada.blogosfera.uol.com.br/2014/04/13/pt-e-pcdob-preparam-lei-para-quebra-de-monopolio-da-midia/> Acesso em: 18 agosto de 2017.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas, S.P.: Pontes, 2012.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2009.



_____. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. 3ª. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2008.

_____. *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. 6ª. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 2008.

_____. *Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas*. Cadernos de Tradução. 2ªed. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, out.1998. p.35-55.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et all. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p.49-57.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 4ª edição. São Paulo: UNICAMP, 2009.

_____. *Revista Langages*, Paris, número 37, 1975.